

**MARIANA FIGUEIREDO CHAMBEL MARTINHO DA
SILVA**

**VIOLÊNCIA BIDIRECIONAL: A PREVALÊNCIA
DO FENÓMENO EM ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS EM PORTUGAL**

Docente orientadora: Prof.^a Doutora Andreia Machado

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2022

**MARIANA FIGUEIREDO CHAMBEL MARTINHO DA
SILVA**

**VIOLÊNCIA BIDIRECIONAL: A PREVALÊNCIA
DO FENÓMENO EM ESTUDANTES
UNIVERSITÁRIOS EM PORTUGAL**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do
Grau de Mestre em Psicologia Forense no Curso de Mestrado
de Psicologia Forense, conferido pela Universidade Lusófona
de Humanidades e Tecnologias, no dia 25 de janeiro de 2022
perante o júri nomeado pelo Despacho Reitoral nº358/2021,
com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Nélio Brazão

Arguente: Prof.^a Doutora Olga Cunha

Orientadora: Prof.^a Doutora Andreia Machado

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2022

Agradecimentos

Antes de tudo, agradecer à minha orientadora, Prof^a Doutora Andreia Machado, por todo o trabalho, acompanhamento e apoio que demonstrou para a concretização deste trabalho. Agradecer por ter acreditado desde o início que seria capaz de concluir esta etapa do meu percurso académico e pela paciência e compreensão que demonstrou em momentos em que tudo parecia difícil.

Quero agradecer aos meus colegas de mestrado e em especial às minhas colegas Andreia, Catarina e Sara pelo espírito de entreajuda e partilha de ideias, dúvidas e opiniões durante este longo percurso.

A todos os meus colegas e professores, da Universidade Lusófona, que se cruzaram comigo nestes últimos cinco anos, e que me permitiram aprender e adquirir novos conhecimentos. Às minhas amigas Carolina, Joana e Filipa, as melhores pessoas que podia ter ao meu lado e que a universidade me deu. Obrigada por terem feito o meu percurso académico mais feliz!

Para a Bia, Margarida, Ana, Cátia, as minhas amigas de sempre. Obrigada pela amizade e paciência constante nos últimos tempos. Obrigada pela força e por acreditarem em mim mesmo quando eu não acreditava!

À minha família, em especial aos meus pais, pela oportunidade de continuar a estudar e pelo apoio incondicional. Foram e serão sem dúvida um pilar muito importante na minha vida.

Ao Manel, meu companheiro de vida. Obrigada por acreditares sempre em mim e pela força constante que me transmitiste, principalmente nos momentos mais difíceis.

Por fim, mas não menos importante, agradecer à minha querida irmã Matilde e cunhado João. Obrigada pelo apoio constante e por todo o suporte que me deram para nunca desistir. Matilde, não tenho palavras para suficientes para agradecer ou quantificar o quanto estou grata por estares presente em todos os momentos da minha vida. Obrigada por tudo!

Um muito obrigada a todos!

Resumo

Nos últimos anos, diversos estudos revelaram a existência de outro padrão de violência, além do unidirecional, em que existe uma sobreposição de papéis entre vítimas e perpetradores/as – a violência bidirecional. Assim, o presente estudo teve como objetivo principal estudar a prevalência da violência bidirecional em estudantes universitários e explorar se existem diferenças entre os sexos na vitimação e perpetração e nos tipos de violência sofridos e perpetrados, bem como explorar se existem diferenças nas categorias vítima, perpetrador e vítima-perpetrador. Os participantes responderam online a um questionário sociodemográfico e a um instrumento que avalia a violência nas relações íntimas (Escala Tática de Conflitos Revista). Os resultados demonstram que a violência bidirecional é a tipologia mais frequente em estudantes universitários. Além disso, foi encontrado que existe simetria de género quanto à violência sofrida e perpetrada, mas que há assimetria nos tipos de violência. A violência psicológica é a mais sofrida e perpetrada e a categoria vítima-perpetrador demonstrou taxas superiores de vitimação e perpetração quanto aos tipos de violência e subescalas de violência. Assim, os resultados encontrados demonstram que os jovens utilizam estratégias de resolução de conflito desadequadas nas suas relações íntimas e serve o presente estudo contribuir para a visibilidade e sensibilização deste fenómeno.

Palavras-chave: estudantes universitários, violência bidirecional violência nas relações de intimidade.

Abstract

In recent years, several studies have revealed the existence of another type of violence pattern, other than the unidirectional, where there is an overlapping of roles between victims and perpetrators - bidirectional violence. Thus, the main purpose of the present study was to study the prevalence of bidirectional violence in college students, to explore if there are gender differences in victimization and perpetration and in the types of violence, as well as to explore whether there are differences in the categories victim, perpetrator, and victim-perpetrator. Participants completed a sociodemographic questionnaire and an instrument assessing violence in intimate relationships (Revised Conflict Tactics Scale). The results show that bidirectional violence is the most frequent dynamic in college students and that there is gender symmetry in the violence suffered and perpetrated and asymmetry in the types of violence. Psychological violence is the most suffered and perpetrated and the victim-perpetrator category showed higher rates of victimization and perpetration regarding the types of violence and violence subscales. Thus, the results revealed that college students use inadequate conflict resolution strategies, and the present study is intended to contribute to the visibility and awareness of this phenomenon.

Keywords: bidirectional violence, intimate partner violence; university students.

Abreviaturas

CEDIC – Comissão de Ética e Deontologia da Investigação Científica

CTS-2 – *Revised Conflict Tactics Scale* (Escala Tática de Conflitos Revista)

EPCV – Escola de Psicologia e Ciências da Vida

EU – Estudantes Universitários

NISVS – *National Intimate Partner and Sexual Violence Survey*

RAMVD – Relatório Anual de Monitorização de Violência Doméstica

RASI – Relatório Anual de Segurança Interna

ULP – Universidade Lusófona do Porto

ULHT – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

VD – Violência Doméstica

VRI – Violência nas Relações de Intimidade

WHO – *World Health Organization* (Organização Mundial da Saúde)

Índice

1. Introdução.....	9
1.2 Violência Doméstica	9
1.1.1 Violência Doméstica em Portugal	9
1.2 Violência nas Relações de Intimidade.....	10
1.2.1 Prevalência da Violência nas Relações de Intimidade	11
1.3 Violência bidirecional	12
1.3.1 Prevalência da Violência Bidirecional	13
1.4 Estudantes universitários	13
1.5 Pertinência do Estudo.....	14
2. Metodologia.....	15
2.1 Amostra.....	16
2.2 Instrumentos.....	18
2.3 Procedimentos.....	19
2.4 Metodologia de análise de dados.....	19
3. Resultados.....	20
3.1 Prevalência da vitimação e perpetração – No último ano e ao longo da vida	20
3.2 Tipos de Violência	21
3.3 Prevalência de vítimas, perpetradores e vítimas-perpetradores	23
3.4 Diferenças entre sexos na vitimação e perpetração	23
3.5 Diferenças entre sexos nos tipos de violência (vitimação e perpetração).....	23
3.6 Diferenças entre vítimas, perpetradores e vítimas-perpetradores segundo os tipos de violência na vitimação e perpetração.	25
3.6 Diferenças entre a categoria vítima-perpetrador na vitimação e perpetração nas subescalas dos tipos de violência.	29
4. Discussão	31
5. Limitações.....	34

6. Conclusão	35
7. Implicações Práticas	36
8. Referências	37

Tabelas

Tabela 1. Dados Sociodemográficos dos Participantes

Tabela 2 Prevalência Anual

Tabela 3 Prevalência Global

Tabela 4 Diferenças entre sexos nos tipos de violência sofridos e perpetrados – Teste *t-student*

Tabela 5 Diferenças entre sexos nos tipos de violência sofridos e perpetrados – *Mann-Whitney*

Tabela 6 Diferenças entre vítimas, perpetradores e vítimas-perpetradores nos tipos de violência sofrida e perpetrada no último ano e ao longo da vida – Teste *t-student*

Tabela 7 Diferenças entre vítimas, perpetradores e vítimas-perpetradores nos tipos de violência sofrida e perpetrada no último ano e ao longo da vida – *Mann-Whitney*

Tabela 8 Diferenças entre a categoria vítima-perpetrador na vitimação e perpetração nas subescalas dos tipos de violência – Teste *t-student*

Tabela 9 Diferenças entre a categoria vítima-perpetrador na vitimação e perpetração nas subescalas dos tipos de violência – *Mann-Whitney*.

1. Introdução

1.1 Violência Doméstica

A violência doméstica (VD) é um conceito dinâmico, socialmente construído, e que segundo a *World Health Organization* (WHO, 2021) assume-se como um problema transversal a todas as sociedades e de saúde pública com grandes implicações negativas para os homens ou mulheres envolvidas (Flake et al., 2013; Laskey et al., 2019). A VD, pode ser definida como qualquer tipo de comportamento violento que inflija sofrimento físico (e.g., empurrar e pontapés), psicológico (e.g., insultar e humilhar), sexual (e.g., violação ou exposição a práticas sexuais com terceiros), social (e.g., afastar a vítima da sua rede social), ou financeiro (e.g., negar acesso a dinheiro à vítima) e que tenha como objetivo exercer poder e controlo coercivo, direta ou indiretamente sobre a vítima (Manita et al., 2009). Estes comportamentos ocorrem normalmente em contextos familiares e privados, sendo que as vítimas podem ser homens, mulheres, crianças ou idosos (Dias, 2017).

1.1.1 Violência Doméstica em Portugal

Este fenómeno começou a ter relevo a partir da década de 70, nomeadamente com os movimentos feministas – sendo o seu foco a mulher como vítima (Laskey et al., 2019; Matos et al., 2012). Em Portugal este trajeto iniciou-se na década de 80, com respostas que puniam este tipo de comportamento (Matos et al., 2012). No ano de 2000, em Portugal, a VD foi considerada como um “crime público” e mais tarde adotar-se-iam várias medidas legislativas para a proteção das vítimas (e.g., “estatuto de vítima”; Durão, 2013). Embora cada sociedade tenha diferentes normas relativamente à violência doméstica, em Portugal, a VD encontra-se tipificada no Código Penal, artigo 152º, e é definida como: “*Quem, de modo reiterado ou não infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluídos castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais: a) ao cônjuge ou ex cônjuge; b) a pessoa de outro ou de mesmo sexo com quem mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro ou uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação; c) a progenitor de descendente comum em 1º grau; ou d) a pessoa particularmente indefesa, nomeadamente em razão de idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica, que com ele coabite*” podendo ser punido com “*pena de prisão de um a cinco anos*” (CP, 2021, p. 82).

A título explicativo, a VD abrange vários tipos de violência (i.e., violência conjugal, violência nas relações de namoro), relacionadas com relações interpessoais em contextos

íntimos (Ventura et al., 2013), no entanto este estudo focar-se-á na violência nas relações de intimidade.

1.2 Violência nas Relações de Intimidade

A violência nas relações de intimidade (VRI) começou a ter relevo a partir do século XX, por ser um problema social crescente na sociedade (Caridade & Machado, 2013). Este fenómeno é definido como o envolvimento em comportamentos violentos numa relação de intimidade, considerando atos de violência física (e.g., esbofetear ou pontapear), psicológica (e.g., intimidação ou humilhação) e sexual (e.g., relações sexuais forçadas), exercidos por alguém que seja cônjuge ou ex-cônjuge, namorado/a ou parceiro/a íntimo/a (Curry et al., 2018; Paiva & Figueiredo, 2006; WHO, 2002). Segundo o Centro de Controlo de Doenças e Prevenção, o *stalking* também é considerado uma das tipologias de comportamentos abusivos na VRI (Curry et al., 2018; Miller & McCaw, 2019). Na VRI, estes atos são frequentes nas relações entre casais heterossexuais e homossexuais (Elísio et al., 2018) e podem variar em termos de intensidade e frequência ao longo do tempo (Laskey et al., 2019).

Independentemente do tipo de violência exercida sobre a vítima, existe sempre um impacto considerável, seja a nível de saúde física e/ou saúde mental (Breiding et al., 2014; Laskey et al., 2019). As consequências mais comuns nas mulheres vítimas ao nível da saúde física podem ser várias, sendo as mais comuns as contusões e fraturas, doenças crónicas (e.g., asma), problemas ginecológicos e urológicos (e.g., distúrbios na menstruação) e problemas gastrointestinais (Breiding et al., 2014). No que diz respeito à saúde mental, as principais consequências de ser vítima de algum tipo de violência são a ansiedade, depressão, perturbação de *stress pós-traumático* e perturbações alimentares ou comportamentos suicidas (Miller & Mcwan, 2019; Breiding et al., 2014). Nos homens vítimas os sintomas associados são similares aos das mulheres, sendo estes, ao nível da saúde mental, a ansiedade, depressão ou perturbação de *stress pós-traumático* (Hines et al., 2016; Breiding et al., 2014). Na saúde física são frequentes problemas cardiovasculares, problemas intestinais e infeções (Hines et al., 2016; Breiding et al., 2015).

A VRI ainda é associada a que o papel de perpetrador seja atribuído ao homem e o papel de vítima à mulher (i.e., visão unidirecional) (Bates, 2016) – visão essa que se mostra assimétrica quanto à perspetiva de género e que se associa ao modelo patriarcal. Este modelo é observado como o exercício do poder e controlo total do homem sobre a mulher e legítima a punição e o abuso, privilegiando o homem (Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Próspero, 2014). Contudo, estudos mais recentes demonstraram, contrariamente à perspetiva tradicional,

que na VRI os homens e as mulheres podem ser vítimas e/ou perpetradores de violência (Laskey et al., 2019; Machado et al., 2019; Ventura et al., 2013), podendo assim, existir simetria entre géneros (Mennicke & Wilke, 2015). Neste sentido, e a título de exemplo, o estudo de Fernandez-Montalvo et al., 2020, demonstrou que a maioria dos comportamentos perpetrados e sofridos entre os casais foi a violência psicológica (86,9% e 86,1% respetivamente), não havendo diferenças significativas entre géneros.

1.2.1 Prevalência da Violência nas Relações de Intimidade

Ao nível mundial, nos Estados Unidos da América, os dados do *National Intimate Partner and Sexual Violence Survey* (NISVS, 2020) indicam que 43 milhões (36,4%) de mulheres e 38 milhões (34,2%) de homens reportaram já ter experienciado violência psicológica e que 1 em cada 4 mulheres e 1 em cada 10 homens já experienciaram outras formas de violência (e.g., violência sexual, violência física e/ou *stalking*) (NISVS, 2020).

A nível europeu, um estudo realizado em vários países da Europa, demonstrou que cerca de 0,5% das mulheres e 4,1% dos homens foram vítimas de violência física nas relações de intimidade e 4,2% das mulheres e 3,8% dos homens perpetraram no mesmo tipo de violência (Costa et al., 2016). Ao nível dos tipos de violência mais prevalentes, um outro estudo realizado também na Europa, refere que a violência psicológica é a mais prevalente, atingindo valores entre os 46% e 71,1%, seguida da violência física que ronda valores entre 8,5% e os 31,25% e por fim, a violência sexual que varia entre 8,9% a 27,1% (Costa et al., 2015).

No panorama nacional, segundo o Relatório Anual de Segurança Interna (RASI, 2020) em Portugal, existiram 27.637 casos de VD, o que em relação ao ano transato (2019), indica uma diminuição de mais de 1 mil casos. No entanto, no Relatório Anual de Monitorização de Violência Doméstica (RAMVD, 2019) é de salientar que do número global de casos de VD de 2019, 94% dos mesmos são de VRI onde 81,9% dos casos as vítimas são mulheres e 18,1% das vítimas são homens (RAM, 2019). Em relação à violência nas relações de intimidade em casais heterossexuais, esta representa 94% dos casos de VD entre cônjuges e namorados, 95% em situações entre ex-namorados e 96% entre ex-cônjuges. Na violência nas relações de intimidade homossexuais, 5% dos casos foram entre cônjuges, 4% entre ex-cônjuges e ex-namorados e 6% entre namorados. Nos casos em que a vítima é a mulher e o perpetrador é o homem o tipo de violência mais expressivo é a violência psicológica, seguida a violência física, sendo que nas relações de namoro estes dados invertem (RAMVD, 2019).

Atualmente, são já vários os estudos que revelam que tanto os homens como as mulheres podem ser ambos vítimas e perpetradores de violência na VRI (e.g., Hines & Douglas,

2010; Machado et al., 2019) - perspectiva dos sociólogos da família (Machado & Matos, 2014). O aparecimento de novas teorias que ajudam a explicar as diferentes formas de violência nas relações de intimidade, demonstram assim que a violência não é só unidirecional (Bates, 2016). Nesse sentido, Johnson (1995, 2006) criou uma tipologia em que aborda 4 tipos que definem a forma ou a dinâmica da violência nas relações de intimidade: o terrorismo íntimo, que está relacionado com a teoria patriarcal, que envolve uso de violência severa e coerciva por parte de um dos parceiros – o controlo é considerado a característica que define o terrorismo íntimo; resistência violenta, onde um dos parceiros é violento mas não é controlador e o outro é violento e controlador, uma vez que a violência aqui acontece como uma resposta à violência sofrida (e.g., retaliação, autodefesa) - atribuída geralmente a mulheres; violência situacional, em que existe violência considerada pouco severa e com pouco controlo – acontece quando existe tensão durante um conflito e esse pode escalar para a violência; controlo mútuo, que exemplifica uma relação destrutiva em que ambos os parceiros utilizam o controlo e violência (Bates, 2016; Hines & Douglas, 2019; Johnson, 1995, 2006).

Assim, considerado as tipologias descritas anteriormente, existem diferentes padrões de violência nas relações de intimidade que não estão só assentes numa perspectiva unidirecional, corroborando outros estudos que retratam padrões de violência bidirecional (e.g., Archer, 2000).

1.3 Violência bidirecional

Entende-se por violência bidirecional que ambos os parceiros íntimos estão envolvidos em qualquer ato de violência numa relação (Palmetto et al., 2013; Straus, 2008). Esta forma de violência é considerada a forma mais comum nas relações de intimidade (Johnson, 2006; Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Palmetto et al., 2013; Ridings et al., 2018), em amostras comunitárias, e pode ainda resultar em lesões mais graves (Bates, 2016; Palmetto et al., 2013), devido à escalada de violência que pode acontecer durante o conflito e que pode surgir como um ato de autodefesa ou retaliação (Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Palmetto et al., 2013). No entanto, a experiência de vitimação entre os parceiros não tem que ser a mesma, uma vez que a literatura indica diferenças relativamente ao género, ou seja, assimetrias de género quanto a alguns fatores (e.g., causas, tipo de violência, e consequências da violência) (Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Mennicke & Wilke, 2015).

1.3.1 Prevalência da Violência Bidirecional

Relativamente à prevalência da violência bidirecional, o estudo de Melander et al., (2010), realizado através da análise do *National Longitudinal Study of Adolescent Health (Add Health)*, revelou que cerca de 35% dos participantes já sofreram VRI, sendo que 13% reportou violência bidirecional e 12% violência unidirecional. Posteriormente, a revisão sistemática sobre as taxas de violência bidirecional versus unidirecional, de Langhinrichsen-Rohling et al., (2012), com vários tipos de amostras, nomeadamente comunitárias, clínicas, da justiça e amostras relacionadas com relações entre casais de sexos diferentes e do mesmo sexo, demonstrou que a violência bidirecional varia entre 39% a 72%. Um estudo europeu, de Costa et al., (2016), com amostras comunitárias de 7 cidades europeias, indicou a existência de violência bidirecional em 10% das mulheres e 11,9% dos homens (Costa et al., 2016). Do mesmo modo, um estudo realizado por Ridings et al., (2018) verificou que dos parceiros íntimos que reportaram violência, a violência bidirecional foi a mais relatada, sendo que a violência bidirecional física foi a mais frequente com 28% (Ridings et al., 2018). Mais recentemente, o estudo de Fernandez- Montalvo et al., (2020), com uma amostra de participantes que procuraram tratamento para adições, demonstrou que a violência bidirecional foi encontrada em 63,1% dos casos, apontando para a as mulheres com maior prevalência (Fernandez- Montalvo et al., 2020). Por fim, o estudo de Machado et al., 2019, o único em Portugal referente à existência de violência bidirecional, numa amostra de homens vítimas, demonstrou que a violência bidirecional é a dinâmica mais comum entre parceiros íntimos e que o tipo de violência mais perpetrado e sofrido foi a violência psicológica (60,3% e 59,8% respetivamente) (Machado et al., 2019).

1.4 Estudantes universitários

A população universitária tem sido alvo de vários estudos na área das relações de intimidade, uma vez que demonstram níveis elevados de VRI, considerando-se assim uma população de alto risco (Umana et al., 2014). Além disso, os jovens tendem a utilizar estratégias desadequadas para resolver situações de maior tensão com o parceiro íntimo (Palmetto et al., 2013). Estima-se que, um/a em cada quatro estudantes universitários, já esteve envolvido/a em relações de intimidade violentas, tendo experienciado pelo menos um ato abusivo (Elísio et al., 2018; Miller & McCaw, 2019), o que corrobora outros estudos realizados na área (e.g., Machado et al., 2010; Straus, 2008; Paiva & Figueiredo, 2004). Os comportamentos violentos encontrados nos jovens adultos tendem a escalar, podendo ser um precursor para a violência conjugal (Machado et al., 2014).

Um estudo de Straus (2004), com estudantes universitários de 31 universidades da Ásia e Médio Oriente, Austrália e Nova Zelândia, Europa, América Latina e América do Norte, demonstrou que em média, cerca de 29% dos participantes agrediram fisicamente os seus parceiros, tendo uma variação mínima de 17% e máxima de 45%. No que diz respeito à diferença de géneros, os resultados indicam que tanto as mulheres como os homens já agrediram os seus parceiros (simetria entre géneros). Mais tarde, Straus (2008) estudou 32 nações com uma amostra de estudantes que demonstrou que a maior dinâmica abusiva nos seus relacionamentos era a violência bidirecional (68,6%) (Straus, 2008). Posteriormente, Juan e Madan (2018), realizaram um estudo em duas universidades, uma no México e outra na República Dominicana, tendo como principal objeto de estudo a diferença entre géneros, tipos de violência e as perceções da violência na VRI em estudantes universitários. Os dados demonstraram um grande nível de violência (i.e., física e psicológica) entre os casais de ambas as universidades. Relativamente às diferenças de género, as percentagens são relativamente similares. A violência mais praticada foi a psicológica com 94,8% no México e 76,2%, na República Dominicana, seguida da violência física com 86,1% no México e 29,8% na República Dominicana. Adicionalmente, a violência bidirecional também está presente com percentagens altas, onde se estima que cerca de 60% dos homens universitários são vítimas e perpetradores de violência e 53,9% das mulheres universitárias são vítimas e perpetradoras de violência (Juan & Madan, 2018). Em Portugal, existem alguns estudos realizados com populações mais jovens (e.g., ensino secundário e ensino superior), como é exemplo o estudo com estudantes universitários em que foi encontrado que pelo menos 53% dos jovens já perpetraram algum tipo de violência (Paiva & Figueiredo, 2004). Posteriormente, é ainda de salientar um estudo de Duarte & Lima (2006) que demonstrou taxas de envolvimento em comportamentos violentos, nomeadamente, violência psicológica e física (38.2% e 10.7 % respetivamente). Machado e colegas (2010) conduziram um estudo em Portugal, onde demonstrou que 21% dos participantes reportaram violência bidirecional e o tipo de violência mais prevalente foi a violência psicológica, seguida de violência física. Por fim, segundo o Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro no Ensino Superior: Crenças e Práticas, que caracterizou o fenómeno da violência no namoro em Portugal, revelou que cerca de 20,5% dos EU reportaram violência bidirecional (Neves et al., 2021).

1.5 Pertinência do Estudo

Atualmente, a literatura considera a VRI como um problema de saúde pública com repercussões graves na saúde física e mental das vítimas (Palmetto et al., 2013). Apesar de

haver uma existência considerável de estudos sobre a violência unidirecional, há uma escassez de estudos que abordem o fenómeno da violência bidirecional nas VRI. Assim, torna-se essencial explorar este fenómeno e conceder-lhe maior visibilidade na comunidade científica, principalmente em Portugal. Além disso, o interesse em estudar uma população mais jovem, como é o caso dos estudantes universitários, deve-se à literatura indicar que são uma população de risco (Umana et al., 2014) e que podem comprometer os seus padrões de comportamentos nas relações futuras (Machado et al., 2014).

Desta forma, pretende-se analisar a prevalência da violência bidirecional em estudantes universitários em Portugal que já tenham estado ou estejam numa relação de intimidade, com os seguintes objetivos: a) caracterização da prevalência da violência bidirecional em contexto universitário; b) caracterização da prevalência dos tipos de violência perpetrados e sofridos em estudantes universitários; c) explorar se existem diferenças entre sexos na prevalência de violência nas relações de intimidade em estudantes universitários; d) verificar se existem diferenças entre sexos nos tipos de violência perpetrados e sofridos em estudantes universitários; e) caracterizar a prevalência e verificar se existem diferenças nas categorias vítima, perpetrador e vítima-perpetrador nos tipos de violência sofridos e perpetrados. Posto isto, determinaram-se as seguintes hipóteses: (H1) Espera-se que a violência bidirecional seja a forma de violência mais prevalente nas relações de intimidade em estudantes universitários; (H2) Espera-se que não existam diferenças significativas entre o sexo quanto à vitimação/perpetração de violência nas relações de intimidade em estudantes universitários; (H3) Espera-se que a violência psicológica seja o tipo de violência mais prevalente nas relações de intimidade em estudantes universitários; (H4) Espera-se que na violência psicológica existam diferenças entre os sexos; (H5) Espera-se que existam diferenças significativas nas categorias vítima, perpetrador e vítima-perpetrador nos tipos de violência sofridos e perpetrados.

Face ao exposto, espera-se dar a devida visibilidade ao fenómeno e à população alvo, bem como contribuir para o aprimoramento de práticas ao nível da prevenção e intervenção nesta área, bem como para investigações futuras.

2. Metodologia

Esta investigação foi assente num design quantitativo transversal e foi realizada online com uma amostra de conveniência.

2.1 Amostra

Os participantes deste estudo foram recolhidos através duma amostra de conveniência junto de estudantes universitários em Portugal. De modo a recolher dados relativos à amostra foi aplicado, numa primeira fase, um questionário sociodemográfico e de seguida um instrumento de avaliação - Escala Tática de Conflitos Revista. Para serem elegíveis para participar no estudo, os/as participantes teriam que obedecer aos seguintes critérios de inclusão: a) ser estudante numa instituição do ensino universitário em Portugal; b) ter idade igual ou superior a 18 anos até aos 29 anos; c) ter estado ou estar numa relação de intimidade pelo tempo mínimo de 1 mês. A participação no estudo foi voluntária e não foi providenciado nenhuma ajuda financeira ou incentivo.

A amostra total foi composta por 418 de participantes, sendo que 317 pessoas desistiram ou não preencheram o questionário até ao fim. Assim, a amostra total foi de 101 participantes, mas apenas 95 pessoas cumpriram os critérios de inclusão. Relativamente à faixa etária, segundo a literatura, as idades dos participantes considerados EU variam entre os 18 aos 29 anos (e.g., Juan & Madan, 2018; Machado et al., 2010; Umana et al., 2014 Straus, 2008). Neste estudo a média de idades dos participantes foi de 22, 22 anos (DP= 2,22) sendo a maioria da amostra composta por participantes do sexo feminino (87,4%) e por nacionalidade portuguesa (96, 8%). Quanto à situação conjugal/estado civil, na generalidade, os participantes eram solteiros (91,6 %) e cerca de 70,5% encontrava-se atualmente numa relação de intimidade. Os participantes reportaram níveis elevados de escolaridade (53,7% dos participantes tem habilitações académicas correspondentes ao 1º ciclo do ensino superior/ Licenciatura) e 77,9% são estudantes e 22,1% trabalhador-estudante. Cerca de 50,55% dos participantes consideram que o seu nível socioeconómico médio e a maioria vivem numa zona urbana (75,8%). Na tabela 1, apresenta-se uma descrição detalhada das características sociodemográficas da amostra.

Tabela 1

Dados Sociodemográficos dos Participantes (n=95)

	n	%
Sexo		
Feminino	83	87,4
Masculino	11	11,6
Não Binário	1	1,1

Nacionalidade

Portuguesa	92	96,8
Alemã	1	1,1
Brasileira	2	2,1

Estado Civil/Situação Conjugal

Solteiro	87	91,6
Casado/ União de Facto	6	6,3
Prefiro não responder	2	2,1

Habilitações Académicas

Ensino secundário (12º ano)	26	27,4
1º ciclo do ensino superior/ Licenciatura	51	53,7
2º ciclo do ensino superior/Mestrado	18	18,9

Situação Profissional

Trabalhador-estudante	21	22,1
Estudante	74	77,9

Local onde habita

Zona rural	23	24,2
Zona urbana	72	75,8

Encontra-se atualmente numa relação de intimidade

Sim	67	70,5
Não	27	28,4
Prefiro não responder	1	1,1

Nível socioeconómico

Baixo	6	6,3
Médio-baixo	22	23,2
Médio	48	50,5

Médio-alto	3	3,2
Prefiro não responder	13	13,7

2.2 Instrumentos

Questionário Sociodemográfico. Os dados foram recolhidos através de um questionário sociodemográfico com o objetivo de obter dados relativos aos participantes, constituído por variáveis como sexo, género, orientação sexual, idade, estado civil, habilitações académicas, situação profissional, nível socioeconómico e região em que habita.

Escala Tática de Conflitos Revista (CTS-2). De modo a avaliar a forma como os casais resolvem os conflitos e avaliar as diferentes táticas de resolução de conflito foi utilizada a Escala de Táticas de Conflito Revista (CTS-2; Straus et al., 1996; adaptado para a versão portuguesa Paiva & Figueiredo, 2006). Este instrumento engloba cinco escalas - negociação, agressão psicológica, abuso físico sem sequelas, coerção sexual e abuso físico com sequelas. A escala tem um total de 78 itens destinados ao/a participante e ao companheiro/a, agrupadas em 39 itens. Foi ainda adicionado um item que diz respeito à questão 79: “Se bateu na/o sua/seu companheira/o, ou se a/o sua/seu companheira/o lhe bateu, pense na ultima vez em que isso aconteceu. Quem foi o/a primeiro/a a bater?”. Este item tem 3 opções de resposta: 1) eu bati primeiro; 2) a/o minha/meu companheira/o bateu primeiro; e 3) isso nunca aconteceu. Todas as escalas com a exceção da negociação são divididas em subescalas ligeira e severa. O formato do instrumento é breve tendo um tempo de administração médio de 10 a 15 minutos, permitindo obter dados relativos aos dois elementos do casal, comparar respostas quando se administra o instrumento em simultâneo aos dois elementos do casal e observar o número de vezes que utilizam as táticas de conflito (Paiva & Figueiredo, 2006). Relativamente ao número de ocorrências durante o último ano – por parte do/a participante ou do/companheiro/a, esta escala possui oito categorias de resposta, que estão agrupadas em duas partes. A primeira é referente à prevalência e cronicidade no último ano: 1) uma vez no ano anterior, 2) duas vezes no ano anterior, 3) 3-5 vezes no ano anterior, 4) 6-10 vezes no ano anterior, 5) 11-20 vezes no ano anterior, 6) mais de 20 vezes no ano anterior. A segunda parte é destinada a determinação da prevalência global: 7) não no ano anterior, mas ocorreu anteriormente e a inexistência deste tipo de abuso, 8) nunca aconteceu (Paiva & Figueiredo, 2006). Relativamente à cotação, existem 30 resultados possíveis recorrentes da administração da CTS-2 e é aconselhado utilizar a prevalência e a cronicidade, para que se consiga compreender os resultados da melhor forma

(Paiva & Figueiredo, 2006). O resultado da prevalência anual, que indica a prevalência no ano anterior, é a soma dos pontos médios de cada item e obtém-se transformando os itens em dicotómicos, atribuindo-se assim às categorias 1) a 6) o valor de 100 (i.e., ocorreu no ano anterior) e às categorias 7) e 8) o valor de 0 (i.e., não ocorreu no ano anterior) (Paiva & Figueiredo, 2006). Por último, de forma a obter-se a prevalência global, que diz respeito ao número de participantes que reportam um ou mais atos de cada escala, este valor é obtido através da atribuição do valor de 1 (i.e., ocorreu em alguma altura) às respostas às categorias 1) a 7) e o valor de 0 (i.e., nunca ocorreu) à categoria 8) (Paiva & Figueiredo, 2006). Para o presente estudo foram utilizadas todas as escalas do CTS-2 com exceção da negociação, uma vez que não é uma forma de violência. Assim, foram calculados os valores da prevalência anual (e.g., resultados dos itens 1-6 da escala) e global (e.g., resultados dos itens 1-7 da escala) utilizando as escalas: violência psicológica, violência sexual, violência física sem sequelas, violência física com sequelas e ambas as subescalas: ligeiro e severo.

2.3 Procedimentos

Este estudo, que consiste numa parceria da Universidade Lusófona do Porto (ULP) e da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), foi previamente aprovado pela Comissão de Ética e Deontologia de Investigação Científica (CEDIC) da ULP e foi divulgado *online*, a nível nacional. A divulgação foi realizada através de *posts* em vários sites de redes sociais (e.g., *Facebook* e *Reddit*), fóruns Universitários e na *newsletter* da ULP/ULHT. Os participantes que decidiram participar foram direcionados para a plataforma Qualtrics (que respeita o Regulamento Nacional de Proteção de Dados) de forma a participar no estudo.

O consentimento informado foi apresentado aos participantes logo após a entrada na página do estudo, onde constava um esclarecimento sobre os objetivos da investigação, a confidencialidade e anonimato dos dados, bem como, o carácter voluntário do estudo. Os dados dos participantes foram utilizados estritamente para tratamento estatístico e apenas estão acessíveis aos membros da equipa.

2.4 Metodologia de análise de dados

Após a conclusão da recolha de dados online recorreu-se ao *software* estatístico *Statistical Package for Social Sciences* – SPSS (versão 22.0) para processar e analisar os dados. Esta análise decorreu em dois momentos. Num primeiro momento, os dados foram sujeitos a uma análise descritiva, que envolveu medidas de tendência central (e.g., média, moda e mediana) e de dispersão (e.g., frequência e desvio-padrão). Posteriormente, de modo a avaliar a prevalência dos tipos de violência, foi analisada a frequência das respostas para cada tipo de

violência (e.g., violência psicológica, violência física sem sequelas, violência sexual e violência física com sequelas), na perspetiva de vítima/perpetrador e para cada tipo de violência tendo em conta as subescalas (e.g., ligeiro e severo). Para esta análise, foram consideradas os resultados obtidos na prevalência anual e global, que diz respeito aos atos de violência sofridos/perpetrados no último ano e ao longo da vida, respetivamente. Importa referir que para este estudo se considerou que a pontuação de 0 nas escalas representa que nenhum participante foi vítima ou perpetrador de qualquer tipo de violência e que pontuações iguais ou superiores a 1 indicam que foram vítimas ou perpetradores de algum tipo de violência.

Para os restantes objetivos do estudo, foi efetuada a análise exploratória de dados de forma a aferir se os pressupostos subjacentes à utilização dos testes paramétricos se encontravam cumpridos. Após a verificação dos pressupostos, verificou-se que os mesmos não se encontravam cumpridos e face a isso, foram realizados, para todas as análises, testes paramétricos e não paramétricos equivalentes. Tal como advoga Fife-Schaw (2000), quando ambos os procedimentos produzem conclusões similares apresentam-se os resultados dos testes paramétricos e quando se verificam conclusões distintas, por forma a manter o rigor estatístico, opta-se pela apresentação dos resultados dos testes não paramétricos.

Relativamente aos objetivos de explorar se existem diferenças significativas entre sexos em relação à vitimação/perpetração em EU e entre os tipos de violência em EU foram utilizados o Teste *t-student* e a alternativa não paramétrica *Mann-Whitney* para as variáveis que não asseguravam o pressuposto de normalidade.

De seguida, analisou-se a prevalência da violência bidirecional na amostra. Para isso, a amostra foi categorizada em 4 categorias: 1) perpetradores (i.e., participantes que reportem apenas perpetração e não vitimação); 2) vítimas (i.e., participantes que reportem apenas vitimação e não perpetração); 3) vítimas-perpetradores (i.e., participantes que reportem perpetração e vitimização); e 4) não violência (i.e., participantes que não reportaram nenhum tipo de vitimação e perpetração). Por fim, foram exploradas as diferenças entre vítimas, perpetradores e vítimas-perpetradores segundo tipos de violência sofridos e perpetrados e as subescalas de violência ligeira e severa.

3. Resultados

3.1 Prevalência da vitimação e perpetração – No último ano e ao longo da vida

Prevalência anual. O resultado da frequência anual para a vitimação foi de 57.9% e para a perpetração foi de 48,4%.

Prevalência global. Os resultados demonstraram que a prevalência global de vitimação de VRI foi de 70.5% e a perpetração foi de 64.4%.

3.2 Tipos de Violência

Último ano vs. Ao longo da vida. Especificamente para cada tipo de violência, no último ano, cerca de 49.5% de participantes foram vítimas de violência psicológica e 50.5% relataram ter sido perpetradores, seguida da violência sexual, em que 23.2% foram vítimas e 14.7% reportaram ter sido perpetradores. Relativamente à violência física sem sequelas, 9.5% dos participantes reportaram ter sido vítimas e 9.5% perpetradores. Por fim, nenhum participante relatou ter sido vítima de violência física com sequelas e 2.1% dos participantes reportaram ter sido perpetradores. Na tabela 2, está reportado o número de participantes e respetivas percentagens de vítimas/perpetradores no último ano, diferenciado as duas subescalas de violência: severo e ligeiro.

No que diz respeito aos resultados obtidos ao longo da vida, relativamente aos tipos de violência, estes demonstraram que 66.3% dos participantes reportaram ter sido vítimas de violência psicológica e 64.2% perpetradores. Em relação à violência física sem sequelas, os resultados demonstraram que 20% de participantes foram vítimas deste tipo de VRI e 20% perpetradores. No que diz respeito à violência sexual, cerca de 27.4% relataram ter sido vítimas e 20% perpetradores. Por fim, na violência física com sequelas, ninguém relatou ter sido vítima deste tipo de violência sendo que 3.1% reportaram ter sido perpetradores. Na tabela 3, apresenta-se o número de participantes e respetivas percentagens de vítimas/perpetradores ao longo da vida, diferenciado as duas subescalas de violência: ligeira e severa.

Conforme o acima mencionado, os resultados indicam que o tipo de violência mais prevalente na vitimação é a violência psicológica (66.3%), seguida da violência sexual (27,4%) e violência física sem sequelas (20%). Relativamente à perpetração, a violência psicológica foi a mais perpetrada (64.2%), seguida da violência sexual e da violência física sem sequelas (20% em ambos).

Tabela 2

Prevalência Anual

Tipos de violência	Perpetração		Vitimação	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Violência Psicológica				

Ligeira	48	50.5	50	52.6
Severa	12	12.6	10	10.5
Violência física s/sequelas				
Ligeiro	10	10.5	9	9.5
Severo	0	0	1	1.1
Violência Sexual				
Ligeira	12	12.6	22	23.2
Severa	2	2.1	1	1.1
Violência física c/sequelas				
Ligeiro	12	12.6	0	0
Severo	1	1.1	0	0

Tabela 3

Prevalência Global

Tipos de Violência	Perpetração		Vitimização	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Violência Psicológica				
Ligeira	61	64.2	60	63.2
Severa	24	16.8	23	17.8
Violência física s/sequelas				
Ligeiro	18	19	6	6.3
Severo	4	4.2	6	6.3
Violência Sexual				
Ligeira	17	17.9	25	26.3
Severa	3	3.2	2	2.1
Violência física c/sequelas				
Ligeiro	1	1.1	0	0
Severo	1	1.1	0	0

3.3 Prevalência de vítimas, perpetradores e vítimas-perpetradores

A análise descritiva, demonstrou que a dinâmica mais frequente em EU é a vítima-perpetrador (56.8%), seguida da categoria de ausência de violência (18.9%). As categorias com prevalências mais baixas foram a de vítima e de perpetradores (7.4% e 6.3%, respetivamente).

3.4 Diferenças entre sexos na vitimação e perpetração

Último ano vs. Ao longo da vida. No que concerne aos resultados referentes ao último ano, estes demonstraram que não existem diferenças significativas entre o sexo masculino e o sexo feminino para a variável vitimação ($t(88) = -.679, p = .472$) nem para a variável perpetração ($t(83) = -1.243, p = .052$). Similarmente, os resultados da análise ao longo da vida também demonstraram que não existem diferenças significativas entre o sexo masculino e o sexo feminino na vitimação ($t(88) = 1.384, p = .416$), nem na perpetração ($U = 310.000, P = .239$).

3.5 Diferenças entre sexos nos tipos de violência (vitimação e perpetração)

Último ano vs. Ao longo da vida. De acordo com a análise referente às diferenças entre sexos nos tipos de violência sofridos no último ano foram encontradas diferenças significativas na vitimação de violência psicológica ($t(91) = -2.246, p = .000$), sendo que as mulheres apresentam uma média superior de vitimação ($M = 53.66\%; DP = 50.173$) do que os homens ($M = 18.18\%; DP = 40.452$). Para os restantes tipos de violência sofridos não foram encontradas diferenças significativas entre sexos, como consta na tabela 4. No que concerne às diferenças entre sexos na vitimação, ao longo da vida, o resultado da análise demonstrou que não existem diferenças significativas para nenhum dos tipos de violência (Tabela 4 e 5).

Posteriormente, foram exploradas as diferenças entre os sexos nos tipos de violência perpetrados. Os resultados para o último ano demonstraram que não existem diferenças significativas entre sexos na perpetração de qualquer tipo de violência (ver tabela 4 e tabela 5). Relativamente às diferenças entre sexos na perpetração ao longo da vida, os resultados demonstraram que existem diferenças significativas apenas na violência sexual ($t(92) = 3.988, p = .000$), sendo que os homens apresentam valores médios superiores para a perpetração de violência sexual ($M = .55; DP = .820$) que o das mulheres ($M = .42; DP = .813$). Adicionalmente, nos restantes tipos de violência, não se encontraram diferenças significativas em função do sexo, conforme reportado na tabela 4 e 5.

Tabela 4

Diferenças entre sexos nos tipos de violência sofridos e perpetrados – Teste t-student

Período de tempo	Tipos de violência	Vitimização			Perpetração		
		M (DP)	t	p	M (DP)	t	p
Último ano	Violência psicológica	35.477(15.798)	2.246	.000	_*	_*	_*
	Violência física sem sequelas	.126 (10.118)	.012	.981	-.390 (10.356)	-.038	.940
	Violência sexual	-5.915 (13.719)	-.431	.351			
	Violência física com sequelas	_*	_*	_*	-2.469 (462)	-.498	.310
Ao longo da vida	Violência psicológica	_*	_*	_*	_*	_*	_*
	Violência física sem sequelas	_*	_*	_*	.441 (.250)	.927	.112
	Violência sexual	.124 (.261)	.474	.649	.795 (.124)	3.988	.000
	Violência física com sequelas	_*	_*	_*	.025 (.050)	-.498	.310

*Resultados reportados através do teste não paramétrico *Mann-Whitney* (consultar tabela 5)

Tabela 5

Diferenças entre sexos nos tipos de violência sofridos e perpetrados – Mann-Whitney

Período de Tempo	Tipos de violência	Vitimação		Perpetração	
		U	p	U	p
Último ano	Violência psicológica	_*	_*	306.500	.149

Ao longo da vida	Violência física sem sequelas	_*	_*	_*	_*
	Violência sexual	_*	_*	392.500	.222
	Violência física com sequelas	405.000	1.000	_*	_*
	Violência psicológica	397.500	.512	303.000	.182
	Violência física sem sequelas	309.000	.085	_*	_*
	Violência sexual	_*	_*	_*	_*
	Violência física com sequelas	405.000	1.000	_*	_*

*Resultados reportados através do Teste *t-student* (consultar tabela 4)

3.6 Diferenças entre vítimas, perpetradores e vítimas-perpetradores segundo os tipos de violência na vitimação e perpetração.

Último ano vs. Ao longo da vida. Os resultados da análise das diferenças entre as várias categorias segundo os tipos de violência na vitimação, no último ano, não demonstraram diferenças significativas na categoria vítima e vítima-perpetrador (consultar tabela 6). No entanto, para os tipos de violência perpetrados, existiram diferenças significativas na categoria perpetrador e vítima-perpetrador na violência psicológica ($U = 96,000$, $p = .040$), sendo que a categoria vítima-perpetrador apresenta um valor superior de ordem média que a categoria perpetrador (consultar tabela 6). Relativamente aos resultados referentes ao longo da vida, para a vitimação, concluiu-se a existência de diferenças estatisticamente significativas na categoria vítima e vítima-perpetrador para a violência psicológica ($t(59) = -2.083$, $P = .014$), sendo que a categoria vítima-perpetrador apresentou uma média superior ($M = 2.30$; $DP = 1.430$) que a categoria vítima ($M = 1.14$; $DP = .690$). Para a perpetração, apenas se verificaram diferenças entre as categorias perpetrador e vítima-perpetrador na violência psicológica ($t(58) = -2.924$, $p = .017$), sendo que a categoria vítima-perpetrador demonstrou uma maior média ($M = 2.22$;

DP= 1.284) que a categoria perpetrador ($M=.67$; $DP=.516$) (consultar tabela 6). Importa referir que apesar de não se encontrarem diferenças significativas nos restantes tipos de violência nas categorias vítima, perpetrador e vítima-perpetrador, os resultados demonstram que a categoria vítima-perpetrador reportou médias superiores em quase todos os tipos de violência no último ano e ao longo da vida (consultar tabela 6).

Tabela 6

Diferenças entre vítimas (n=7), perpetradores (n= 6) e vítimas-perpetradores (n= 54) nos tipos de violência sofrida e perpetrada no último ano e ao longo da vida – Teste t-student

Período de tempo	Tipo de violência	Diferenças entre vítimas e vítimas-perpetradores na vitimação			Diferenças entre perpetrador e vítimas-perpetradores na perpetração		
		Vítimas (n=7) M (DP)	Vítimas-perpetradores (n=54) M (DP)	t	Perpetradores (n=6) M (DP)	Vítimas-perpetradores (n=54) M (DP)	t
Último ano	Violência psicológica	42.86 (53.452)	68.52 (46.880)	-1.342	.**	.**	.**
	Violência física sem sequelas	.**	.**	.**	16.67 (40.825)	14.81 (35.858)	.199
	Violência sexual	57.14 (53.452)	27.78 (45.211)	1.585	.**	.**	.**
	Violência física com sequelas	.**	.**	.**	.**	.**	.**
Ao longo da vida	Violência psicológica	1.14 (.690)	2.30 (1.430)	-2.083*	.67 (.516)	2.22 (1.284)	2.924 *
	Violência física sem sequelas	.14 (378)	.43 (.860)	-.855	.33 (.516)	.30 (.500)	.172
	Violência sexual	1.000 (.816)	.46 (.745)	1.776	.**	.**	.**
	Violência física com sequelas	.**	.**	.**	.00 (.000)	.02 (.136)	-.331

*p < .05

** Resultados reportados através do teste não paramétrico *Mann-Whitney* (consultar tabela 7)

Tabela 7

Diferenças entre vítimas (n= 7), perpetradores (n= 6) e vítimas-perpetradores (n= 54) nos tipos de violência sofrida e perpetrada no último ano e ao longo da vida – Mann-Whitney

Período de tempo	Tipo de violência	Diferenças entre vítimas e vítimas-perpetradores na vitimação			Diferenças entre perpetradores e vítimas-perpetradores na perpetração		
		Vítimas (n=7) Ordem Média	Vítimas-perpetradores (n=54) Ordem Média	U	Perpetradores (n=6) Ordem Média	Vítimas-perpetradores (n=54) Ordem Média	U
Último ano	Violência psicológica	-.**	-.**	-.**	12.00	32.56	96.000*
	Violência física sem sequelas	26.50	31.58	157.000	-.**	-.**	-.**
	Violência sexual	-.**	-.**	-.**	25.00	31.11	129.000
	Violência física com sequelas	31.00	31.00	189.000	30.50	30.50	159.000
Ao longo da vida	Violência psicológica	-.**	-.**	-.**	-.**	-.**	-.**
	Violência física sem sequelas	-.**	-.**	-.**	-.**	-.**	-.**
	Violência sexual	-.**	-.**	-.**	23.50	31.28	120.000
	Violência física com sequelas	31.00	31.00	189.000	-.**	-.**	-.**

*p < .05

** Resultados reportados através do Teste *t-student* (consultar tabela 6)

3.6 Diferenças entre a categoria vítima-perpetrador na vitimação e perpetração nas subescalas dos tipos de violência.

Último ano vs. Ao longo da vida. Os resultados da análise referentes às diferenças entre a vitimação e perpetração em função da categoria vítima perpetrador nas subescalas de violência, demonstrou que para a vitimação no último ano não se verificaram diferenças estatisticamente significativas em nenhum dos tipo de violência para a categoria vítima-perpetrador, como reportado nas tabelas 8 e 9. Quanto à perpetração, apenas se encontraram diferenças significativas na violência psicológica ligeira ($U = 96.000$, $p = .040$), não havendo diferenças significativas nas restantes subescalas de violência (ver tabela 8 e 9). Relativamente à violência ao longo da vida, na vitimação foram encontradas diferenças na violência psicológica ligeira na categoria vítima-perpetrador ($t(59) = -4.849$, $p = .002$). Quanto às restantes subescalas de violência não foram encontradas diferenças significativas, como representado na tabela 8 e 9. Por fim, na perpetração, à semelhança dos resultados anteriores, a categoria vítima-perpetrador demonstrou ser mais perpetradora de violência psicológica ligeira, havendo diferenças significativas ($U = 50.000$, $p .004$); para as restantes subescalas de violência não foram encontradas diferenças significativas (ver tabela 8 e 9)

Tabela 8

Diferenças entre a categoria vítima-perpetrador ($n=54$) na vitimação e perpetração nas subescalas dos tipos de violência – Teste t-student

Período de tempo	Tipo de violência	Vítima-perpetrador: Diferenças na vitimação e perpetração			
		Vitimação M (DP)	t	Perpetração M (DP)	t
Último ano	Violência psicológica				
	Ligeira	75.93 (43.155)	-1.858	._**	._**
	Severa	11.11 (31.722)	.224	._**	._**
	Violência física sem sequelas				
	Ligeira	._**	._**	14.81 (35.858)	
	Severa	1.85 (13.608)	-.357	._**	._**
	Coerção sexual				
	Ligeira	27.78 (45.211)	1.585	._**	._**
	Severa	._**	._**	._**	._**
	Violência física com sequelas				
	Ligeira	._**	._**	._**	._**
	Severa	._**	._**	._**	._**

Ao longo da vida	Violência psicológica						
	Ligeira			1.96 (1.063) *	-4.849*	***	***
	Severa			***	***	***	***
	Violência física sem						
	sequelas						
	Ligeira			***	***	***	***
	Severa			.02 (.136)	-.357	***	***
	Coerção sexual						
	Ligeira			***	***	***	***
	Severa			***	***	***	***
	Violência física com						
	sequelas						
	Ligeira			***	***	***	***
	Severa			***	***	***	***

*p < .01;

** Resultados reportados através do teste não paramétrico *Mann-Whitney* (consultar tabela 9)

Tabela 9

Diferenças entre a categoria vítima-perpetrador na vitimação e perpetração nas subescalas dos tipos de violência – Mann-Whitney

Período de tempo	de	Tipo de violência			Vítima-perpetrador: perpetração	Diferenças entre vitimação e	perpetração	
					Vitimação Ordem Média	U	Perpetração Ordem Média	U
Último ano		Violência Psicológica						
		Ligeiro			****	****	31.72	96.000*
		Severo			****	****	31.00	135.000
		Violência Física sem						
		sequelas						
		Ligeiro			****	****	****	****
		Severo			****	****	30.50	162.000
		Coerção Sexual						
		Ligeiro			****	****	31.11	129.000
		Severo			30.50	189.000	30.50	162.000
		Violência Física com						
		sequelas						
		Ligeiro			31.11	189.000	31.11	129.000
		Severo			****	****	30.50	162.000
Ao longo da vida		Violência Psicológica						
		Ligeiro			****	****	32.57	50.000**
		Severo			30.26	149.000	31.17	126.000

Violência	Física	sem			
sequelas					
Ligeiro		31.58	157.000	30.50	162.000
Severo		***	***	30.06	138.000
Coerção Sexual					
Ligeiro		29.66	116.500	31.28	120.000
Severo		31.11	189.000	30.50	162.000
Violência	Física	com			
sequelas					
Ligeiro		31.11	189.000	30.50	159.000
Severo		31.11	189.000	30.50	162.000

*p < 05; **p < .01

*** Resultados reportados através do teste *t-student* (consultar tabela 8)

4. Discussão

A presente investigação centra-se num estudo exploratório na população portuguesa sobre o tema da violência bidirecional nas relações íntimas em estudantes universitários. Apesar de ao longo dos anos este fenómeno ter sido objeto de estudo, continuam a ser poucos os estudos que procuram analisar a violência bidirecional nas relações íntimas, principalmente em Portugal, em que só existe um estudo que aborda esta temática (Machado et al., 2019). Neste sentido, e de forma a combater esta lacuna, este estudo visa analisar a prevalência da violência bidirecional na população universitária que se considera uma população de risco (Umana et al., 2014) e que fornece informação sobre vitimação, perpetração e vitimação-perpetração. Adicionalmente, este estudo também analisa os tipos de violência sofridos e perpetrados e explora se a variável sexo têm influência nesses comportamentos.

Após a análise dos resultados, a principal conclusão deste estudo é que a a violência bidirecional é a mais prevalente nesta amostra, sendo que esta descoberta é consistente com estudos anteriores (e.g., Archer, 2000; Bates, 2016; Costa et al., 2016; Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Machado et al., 2019; Ridings et al., 2018;) e especificamente em amostras de EU (Juan & Mandan, 2018; Machado et al., 2010; Straus, 2008). Deste forma, a primeira hipótese inicialmente estipulada “Espera-se que a violência bidirecional seja a forma de violência mais prevalente nas relações de intimidade em estudantes universitários” confirmou-se.

No que diz respeito à prevalência dos tipos de violência, quer no último ano, quer ao longo da vida, os EU reportaram ter sido mais vítimas e perpetradores de violência psicológica, seguida da violência sexual. Estas conclusões vão ao encontro da hipótese “Espera-se que a violência psicológica seja o tipo de violência mais prevalente nas relações de intimidade em

estudantes universitários” e da literatura da área, que aponta que a violência psicológica é o tipo de violência mais reportado em amostras comunitárias e mais especificamente em EU (Costa et al., 2015; Duarte & Lima, 2006; Juan & Madan, 2018; Machado et al., 2019; NISVS, 2020; RASI, 2019). No entanto, a violência física, em alguns estudos surge como o segundo tipo de violência mais prevalente (i.e., Costa et al., 2015; Juan & Mandan, 2018; Duarte & Lima, 2006; Machado et al., 2010) e a violência sexual surge em terceiro lugar (i.e., Costa et al., 2015).

Relativamente as diferenças entre homens e mulheres nos índices totais de vitimação e perpetração, pode concluir-se que tanto para o último ano, como ao longo da vida, não existem diferenças entre os sexos nos papéis de vítimas e perpetradores, ou seja, os resultados demonstram que na população portuguesa em EU, tanto o homem como a mulher pode ser vítima ou perpetrador/a, sem que haja uma diferença significativa entre esses atos - simetria de género quanto à vitimação e perpetração na VRI, o que se alinha com o que tem vindo a ser retratado pela literatura (e.g., Hines & Douglas, 2010; Laskey et al., 2019; Machado et al., 2019; Ventura et al., 2013) (Fernandez-Montalvo et al., 2020; Mennicke & Wilke, 2015; Straus, 2004). Esta descoberta confirma a hipótese anteriormente apresentada “Espera-se que não existam diferenças significativas entre o sexo quanto à vitimação/perpetração de violência nas relações de intimidade em estudantes universitários”.

Quanto às diferenças entre os homens e as mulheres nos tipos de violência perpetrados e sofridos, podemos concluir que as mulheres universitárias são mais vítimas de violência psicológica do que os homens, no período de tempo referente ao último ano, e os homens universitários apresentaram ser mais perpetradores de violência sexual relativamente às mulheres universitárias ao longo da vida. Este resultado corrobora a literatura que atesta que podem existir diferenças relativamente ao sexo, ou seja assimetria de género nos tipos de violência (e.g., Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Mennicke & Wilke, 2015), sendo que os homens são responsáveis por violência mais grave, principalmente a violência sexual e abuso físico com sequelas e as mulheres são refletidas na violência menos grave, nomeadamente violência física sem sequelas (Costa et al., 2015; Lovestad & Krants, 2012). A literatura anterior indica que a experiência não tem que ser a mesma, uma vez que fatores como as causas da violência, o tipo de violência e as consequências podem ser a explicação para que exista assimetria de géneros (Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Mennicke & Wilke, 2015). No entanto, para os restantes tipos de violência não foram encontradas diferenças o que contraria estudos anteriores que sugerem a existência de diferenças na violência física (Costa et al., 2015; Lovestad & Krants, 2012), nomeadamente que as mulheres são mais prováveis de praticar

violência física sem sequelas e os homens violência física com sequelas (Archer, 2000). Esta conclusão está alinhada com a hipótese inicialmente estipulada “Espera-se que na violência psicológica existam diferenças significativas entre os sexos”.

Quanto às diferenças entre a categoria vítima, perpetrador e vítima-perpetrador nos tipos de violência, os resultados demonstraram que na vitimação e perpetração de VRI em EU, a categoria vítima-perpetrador reportou taxas superiores de violência, quando comparados com as categorias vítima e perpetrador. Os resultados demonstraram que a categoria vítima-perpetrador é mais vítima e perpetradora de violência psicológica, em ambos os períodos de tempo (e.g., último ano e ao longo da vida), não reportando diferenças para os outros tipos de violência. Posto isto, confirma-se a hipótese “Espera-se que existam diferenças significativas nas categorias vítima, perpetrador e vítima-perpetrador nos tipos de violência sofridos e perpetrados”. Finalmente, para as subescalas de violência (i.e., ligeira e severa), nos diferentes tipos de vitimação e perpetração, a categoria vítima-perpetrador, é mais provável que seja vítima e que perpetre violência psicológica ligeira. Para as restantes subescalas não se encontraram diferenças significativas. Estes resultados revelam que na violência bidirecional, os participantes são mais vítimas e perpetradores de violência psicológica e que a subescala de abuso mais sofrida e perpetrada é a ligeira para o mesmo tipo de violência. Estes resultados parecem enquadrar-se na tipologia de Johnson (1995, 2006), em que a violência bidirecional pode representar a violência situacional (e.g., violência pouco severa e com pouco controlo, que acontece nos momentos de tensão durante o conflito e que pode escalar para a violência) (Johnson (1995, 2006).

De uma forma global, este estudo demonstra que na população portuguesa de EU universitários, a dinâmica mais prevalente é a violência bidirecional. Desta forma, podemos concluir que os EU utilizam estratégias desadequadas para resolverem algum tipo de conflito com o/a seu/sua parceiro íntimo (i.e., Palmetto et al., 2013) e que num momento de maior tensão poderão surgir comportamentos violentos, tornando-se assim um risco de desenvolverem padrões de comportamentos desadequados que se poderão refletir nas suas relações futuras, sendo assim um precursor para futuros comportamentos de violência doméstica (Elísio et al., 2018; Machado et al., 2014; Miller & McMaw, 2019; Palmetto et al., 2013). Além disso, os resultados encontrados neste estudo contrariam o paradigma ainda vigente da vitimologia - dicotomia do papel de vítima e perpetrador (Machado et al., 2019). A construção social da vitimologia sustenta que existem perceções dicotómicas quanto à violência (i.e., vítimas e perpetradores em papéis mutuamente exclusivos). Esta visão reflete-se na sociedade que tende

a identificar apenas este paradigma dicotómico (Jankowitz. 2017) Por isso, uma nova categoria (i.e., vítima-perpetrador) desafia esta visão ao demonstrar que pode acontecer uma sobreposição de papéis relativamente à violência nas relações de intimidade.

5. Limitações

Este estudo apresenta-se como um importante contributo sobre a violência bidirecional nas relações de intimidade em EU em Portugal, no entanto é importante mencionar que o mesmo apresenta algumas limitações que poderão ter influência nos resultados obtidos.

A primeira limitação encontrada diz respeito ao processo de recolha da amostra, uma vez que dada a situação pandémica da COVID-19, o método de recolha foi totalmente online, através da plataforma Qualtrics. Apesar de ser um método que reduz o medo e a desejabilidade social dos participantes, existem fatores que podem ter tido influência nos resultados, como é o caso das restrições que a amostra total de participantes sofreu, nomeadamente, a quem tinha acesso à internet. Outro constrangimento consequente ao método online é que o facto de ter sido divulgado através de *posts* maioritariamente em redes sociais e fóruns universitários, restringiu também a amostra a quem tem acesso a este tipo de websites e a quem visualizou e se dispôs a participar, mesmo sem remuneração.

Posteriormente, o elevado número de desistência dos participantes durante o preenchimento do instrumento CTS-2, acrescentou uma maior dificuldade para o número de participantes e poderá ter tido uma grande influência nos resultados. Refletindo sobre este dado, uma das explicações que possa ter contribuído para o número de desistências dos participantes é que devido ao período de pandemia da COVID-19, poderá ter havido um número massivo de estudos online. Importa ainda mencionar que o número final da amostra é representado maioritariamente por participantes do sexo feminino.

Uma outra limitação a mencionar relaciona-se com a desejabilidade social. Embora se garanta o carácter anónimo dos dados, há sempre a possibilidade de deturpação das respostas para o que se considera socialmente desejado e o facto de não se ter aplicado uma medida que permitisse avaliar a desejabilidade social pode ser considerado uma limitação.

Para investigações futuras nesta área, seria relevante a realização de estudos com amostras com um número maior de participantes e outras populações, que não sejam limitadas a amostras de estudantes universitários. É necessário que em estudos futuros, as amostras sejam mais homogéneas quanto ao sexo, uma vez que nesta investigação a maioria dos participantes são do sexo feminino. Por fim, o CTS-2 não permite que sejam desmitificados os contextos e

motivos da VRI e o impacto que a mesma poderá trazer às vítimas, logo, para estudos futuros seria importante que estas questões fossem exploradas com alternativa a outro tipo de medidas.

6. Conclusão

O presente estudo permitiu contribuir para a investigação do fenómeno da violência bidirecional em estudantes universitários, uma vez que a nível nacional, apenas existia um estudo acerca da violência bidirecional realizado com homens vítimas (e.g., Machado et al., 2019). Este estudo revelou que o padrão de violência mais frequente na população universitária é a violência bidirecional. Este resultado principal salienta que os papéis tradicionais de vítima e perpetrador não são sempre mutuamente exclusivos e que ambos/as os/as parceiros/as podem ser vítimas e/ou perpetradores de violência nos relacionamentos íntimos, podendo haver uma sobreposição destes mesmos papéis (e.g., Machado et al., 2019).

Outra contribuição importante de ser referida é o facto de haver simetria de género quanto à vitimação e perpetração de violência, o que contesta a perspetiva patriarcal de que o homem é o perpetrador e a mulher a vítima. No entanto, alguns estudos referem que apesar de tanto os homens como as mulheres poderem praticar ou sofrer atos de violência sobre o parceiro íntimo, no que se refere aos tipos de violência, há assimetria de género (i.e., homens tendem a perpetrar violência grave e mulheres violência menos grave) (Costa et al., 2015; Lovestad & Krants, 2012). Neste estudo, essas diferenças foram encontradas, para as mulheres (mulheres mais vítimas de violência psicológica) e para homens (homens mais perpetradores de violência sexual). Importa salientar, que neste estudo em específico, esse resultado pode ter sido encontrado porque a amostra era composta maioritariamente por mulheres, como referido anteriormente.

Relativamente aos tipos de violência, à semelhança de estudos acerca da violência unidirecional, encontrou-se que a violência psicológica é o tipo de violência mais prevalente, seguindo-se da violência sexual.

Por fim, este estudo permitiu verificar que os EU tem estratégias de resolução de conflito desadequadas nas suas relações íntimas, confirmando assim que são uma população com risco elevado de continuarem a praticar este tipo de comportamentos nas suas relações futuras, o que pode ser um precursor para a violência conjugal (Machado et al., 2014; Palmetto et al., 2013; Umana et al., 2014). Além disso, há ainda muitos jovens que quando iniciam um relacionamento, não conseguem identificar situações de violência, por isso é de extrema importância dar visibilidade à VRI, e principalmente, ao fenómeno ainda pouco conhecido da violência bidirecional.

7. Implicações Práticas

Importa ainda referir que este estudo pode ter uma contribuição para a orientação prática da prevenção, intervenção e políticas públicas (e.g., Dixon & Graham-Kevan, 2011). Neste sentido, sugere-se a adoção de estratégias de prevenção, nomeadamente a realização de campanhas nacionais, seminários e conferências que foquem este fenómeno, de forma a caracterizar e dar visibilidade à violência bidirecional, dar a conhecer que a VRI não é sempre dicotómica nem explicada pela visão patriarcal (e.g., vítima e perpetrador em papéis mutuamente exclusivos; mulher como vítima e homem como perpetrador) e como forma de educar os jovens de que este tipo de dinâmicas nas relações de intimidade podem causar grande impacto na saúde física e mental (e.g., Machado et al., 2019; Straus, 2008).

Considera-se também importante apostar na consciencialização/sensibilização das populações mais jovens (e.g., Neves et al., 2021), de forma que estas estejam informadas, desde cedo, sobre o que é a VRI e que existem diferentes tipologias de violência, nomeadamente a violência bidirecional

Sendo esta população de estudantes universitários, é importante que as instituições educativas façam um trabalho de divulgação informativa das diferentes tipologias de VRI e as consequências que este tipo de práticas acarreta, através das redes sociais e fóruns universitários, de forma a incutir este tipo de informação à população universitária (e.g., Neves et al., 2021). Ainda assim, importa ressaltar que esta transmissão de informação deve ser feita de forma igualitária relativamente ao género (Neves et al., 2021), desmistificando as construções sociais que se atribuem às vítimas e perpetradores (Jankowitz, 2017). Adicionalmente, para quem experiencia este tipo de relações violentas, é importante informar que existem serviços e apoios, de forma que saibam que possam ser ajudados/as.

Referências

- Archer, J. (2000). Sex differences in aggression between heterosexual partners: A metaanalytic review. *Psychological Bulletin*, 126(5), 651-680. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.126.5.651>
- Bates, E. (2016). Current Controversies within Intimate Partner Violence: Overlooking Bidirectional Violence. *Journal of Family Violence*, 31(8), 937-940. <https://doi.org/10.1007/s10896-016-9862-7>
- Breiding, M., Chen, J., & Black, M. (2014). Intimate Partner Violence in the United States-2010. Atlanta, GA: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention
- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações juvenis de intimidade: Uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 27(1), 91-113. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v27i1.244>
- Código Penal e Processo Penal (12th ed.). 2021
- Costa, D., Hatzidimitriadou, E., Ioannidi-Kapolou, E., Lindert, J., Soares, J. J., Sundin, Ö., & Barros, H. (2016). Male and female physical intimate partner violence and socio-economic position: A cross-sectional international multicentre study in Europe. *Public Health*, 139, 44-52. <http://dx.doi.org/10.1016/j.puhe.2016.05.001>
- Costa, D., Soares, J., Lindert, J., Hatzidimitriadou, E., Sundin, Ö., Toth, O., ... & Barros, H. (2015). Intimate partner violence: a study in men and women from six European countries. *International journal of public health*, 60(4), 467-478. <https://doi.org/10.1007/s00038-015-0663-1>
- Curry, S. J., Krist, A. H., Owens, D. K., Barry, M. J., Caughey, A. B., Davidson, K. W., ... & Kubik, M. (2018). Screening for intimate partner violence, elder abuse, and abuse of vulnerable adults: US Preventive Services Task Force final recommendation statement. *Journal of the American Medical Association*, 320(16), 1678-1687. <https://doi.org/10.1001/jama.2018.14741>

- Dias, I. (2017). Violência doméstica e justiça: respostas e desafios. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 20 (2010), 245-262. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2287/2094>
- Dixon, L., Graham-Kevan, N., 2011. Understanding the nature and etiology of intimate partner violence and implications for practice and policy. *Clin. Psychol. Rev.* 31, 1145–1155. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2011.07.001>.
- Durão, S. (2013). Silenciamentos subtis. Atendimento policial, cidadania e justiça em casos de vítimas de violência doméstica. *Análise Social*, (209), 878-899. <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aso/n209/n209a06.pdf>
- Duarte, A. P., & Lima, M. L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologica*, 105-124. https://www.researchgate.net/publication/260157691_Prevalencia_da_violencia_fisica_e_psicologica_nas_relacoes_de_namoro_de_jovens_estudantes_portugueses
- Elísio, R., Neves, S., & Paulos, R. (2018). A violência no namoro em casais do mesmo sexo: Discursos de homens gays. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (117), 47-72. <http://dx.doi.org/10.4000/rccs.8149>
- Fernández de Juan, T., & Florez Madan, L. (2018). Bidirectional Violence among Male and Female University Students: Comparison of Observations and Results between Two Countries. *Masculinities and Social Change*, 7(3), 279-312. <http://doi.org/10.17583/MCS.2018.3499>
- Fernández-Montalvo, J., López-Goñi, J. J., Arteaga, A., & Haro, B. (2020). Gender differences in unidirectional and bidirectional intimate partner violence in addictions. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 46(2), 194-202. <https://doi.org/10.1080/00952990.2019.1660886>
- Fife-Schaw, C. (2000). Levels of measurement. In G. M. Breakwell, S. Hammond, & C. Fife-Schaw (Eds.), *Research methods in psychology* (2nd ed., pp. 147-157). London, England: Sage.
- Flake, T. A., Barros, C., Schraiber, L. B., & Menezes, P. R. (2013). Violência por parceiro íntimo entre estudantes de duas universidades do Estado de São Paulo, Brasil. *Revista*

Brasileira de Epidemiologia, 16, 801-816. <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2013000400001>

Hines, D. A., & Douglas, E. (2010). Intimate terrorism by women towards men: Does it exist? *Journal of Aggression Conflict and Peace Research*, 2, 36-56. <https://doi.org/10.5042/jacpr.2010.0335>

Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2016). Relative influence of various forms of partner violence on the health of male victims: Study of a help seeking sample. *Psychology of Men & Masculinity*, 17(1), 3-16. <https://doi.org/10.1037/a0038999>

Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2019). An Empirical Test of Johnson's Typology of Intimate Partner Violence in Two Samples of Men. *Partner Abuse*, 10(2), 180-198. <http://dx.doi.org/10.1891/1946-6560.10.2.180>

Jankowitz S. Intergroup struggles over victimhood in violent conflict: The victim-perpetrator paradigm. *International Review of Victimology*. 2018;24(3):259-271. doi:[10.1177/0269758017745617](https://doi.org/10.1177/0269758017745617)

Johnson, M. (1995). Patriarchal Terrorism and Common Couple Violence: Two Forms of Violence against Women. *Journal of Marriage And Family*, 57(2), 283-294. <https://doi.org/10.2307/353683>

Johnson, M. (2006). Conflict and Control. *Violence Against Women*, 12(11), 1003-1018. <https://doi.org/10.1177/1077801206293328>

Langhinrichsen-Rohling, J., A. Misra, T., Selwyn, C., & L. Rohling, M. (2012). Rates of Bidirectional Versus Unidirectional Intimate Partner Violence Across Samples, Sexual Orientations, and Race/Ethnicities: A Comprehensive Review. *Partner Abuse*, 3(2), 199-230. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1891/1946-6560.3.2.199>

Laskey, P., Bates, E., & Taylor, J. (2019). A systematic literature review of intimate partner violence victimisation: An inclusive review across gender and sexuality. *Aggression and Violent Behavior*, 47, 1-11. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2019.02.014>

Lövestad, S., Krantz, G., 2012. Men's and women's exposure and perpetration of partner violence: an epidemiological study from Sweden. *BMC Public Health* 12, 1–10. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-12-945>.

- Machado, A. & Matos, M. (2014). Homens vítimas na intimidade: análise metodológica dos estudos de prevalência. *Psicologia & Sociedade*, 26(3), 726-736 <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000300021>
- Machado, A., Santos, A., Graham-Kevan, N., & Matos, M. (2019). The prevalence of Bi-Directional intimate partner violence reported by Portuguese men. *International Journal of Law, Crime and Justice*, 57, 83-90. <https://doi.org/10.1016/j.ijlcrj.2019.03.002>
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25, 43–52. <https://doi.org/10.1007/s10896-009-9268-x>
- Machado, C., Martins, C., & Caridade, S. (2014). Violence in intimate relationships: A comparison between married and dating couples. *Journal of Criminology*, 2014. <http://dx.doi.org/10.1155/2014/897093>
- Manita, C., Ribeiro, C., & Peixoto, C. (2009). Violência Doméstica: Compreender para intervir: Guia de boas práticas para profissionais de saúde. *Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género*. https://www.researchgate.net/publication/279920584_Violencia_Domestica_Compreender_para_Intervir_guia_de_boas_praticas_para_profissionais_de_instituicoes_d_e_apoio_a_vitimas
- Matos, M., Machado, A., Santos, A., & Machado, C. (2012). Intervenção em grupo com vítimas de violência doméstica: Uma revisão da sua eficácia. *Análise Psicológica*, 30(1-2), 79-91. <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v30n1-2/v30n1-2a08.pdf>
- Melander, L.A., Noel, H., & Tyler, K. A. (2010) "Bidirectional, Unidirectional, and Nonviolence: A Comparison of the Predictors Among Partnered Young Adults". *Sociology Department, Faculty Publications*. 128. <https://digitalcommons.unl.edu/sociologyfacpub/128>
- Mennicke, A., & Wilke, D. (2015). Predicting Bidirectional Intimate Partner Violence: Demographic and Historical Factors That Influence Initiating Threats or Use of Violence by IPV Victims. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 24(9), 1002-1021. <https://doi.org/10.1080/10926771.2015.1074135>

- Miller, E., & McCaw, B. (2019). Intimate partner violence. *New England Journal of Medicine*, 380(9), 850-857. <https://www.nejm.org/doi/10.1056/NEJMr1807166>
- Ministério da Administração Interna. (2019). Relatório Anual de Monitorização de Violência Doméstica 2019. República Portuguesa. https://www.sg.mai.gov.pt/Documents/vd/RelVD_2019.pdf
- Neves, S., Jamal, S., Peixoto, S., & Borges, J. (2021). *Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro no Ensino Superior: Crenças e Práticas – 2017/2021*. Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. https://www.cig.gov.pt/wpcontent/uploads/2021/02/EstudoNacional_2017_21.pdf
- NISVS - The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey. (2020). *Preventing Intimate Partner Violence*. Recuperado de: https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/ipv/IPV-factsheet_2020_508.pdf
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologia*, 36, 75-107. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4211/1/Abuso%20no%20relacionamento%20%282004%29.pdf>
- Paiva, C. A., & Figueiredo, B. (2006). Versão Portuguesa das escalas de táticas de conflito revisadas: Estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(2), 14-39 <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/41636/1/2006%20Vers%c3%a3o%20portuguesa%20das%20escalas%20CTS-2.pdf>
- Palmetto, N., Davidson, L., & Rickert, V. (2013). Predictors of Physical Intimate Partner Violence in the Lives of Young Women: Victimization, Perpetration, and Bidirectional Violence. *Violence and Victims*, 28(1), 103-121. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.28.1.103>
- Próspero, M. (2007). Young adolescent boys and dating violence: The beginning of patriarchal terrorism? *Affilia*, 22(3), 271-280. <https://doi.org/10.1177/0886109907302259>
- Ridings, L., Beasley, L., Bohora, S., Espeleta, H., & Silovsky, J. (2018). The Role of Social Support on Depression Among Vulnerable Caregivers Reporting Bidirectional

